

## Judith Teixeira

“... era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o.”  
(Clarice Lispector, “Felicidade clandestina”)

Judith Teixeira é um nome importante na literatura portuguesa, não obstante a escassa produção literária. Copiosamente atacada, vilipendiada mesmo por alguns “produtores da moralidade”, espanta, à distância de pouco menos de um século, que a sua acção produtiva e subtilmente insubmissa seja ainda pouco lembrada porque tão estranhamente esquecida. E, pensando bem, esta marginalização misógina aconteceu ainda na laica República da década de vinte do mesmo século, assim se comprovando os estranhos labirintos de uma instauração há pouco festejada.

Nascida em Viseu, no dia 25 de Janeiro de 1880, foi baptizada na Sé Catedral da cidade, em 1 de Fevereiro desse ano, estigmatizada desde logo por ser filha natural da solteira Maria do Carmo. Depois de acções judiciais por si intentadas, é perfilhada, em 1907, pelo alferes de infantaria Francisco dos Reis Ramos, passando a usar como nome completo Judith dos Reis Ramos. E assim viveu na cidade de Lisboa, primeiro, na rua do Arco do Carvalhão, e depois, na rua Rodrigo da Fonseca, onde viveu com o primeiro marido, Jaime Levy Azancot, até à dissolução do casamento em 1913, tendo a futura poetisa ficado acusada de adultério e abandono do lar. Um ano depois, casará com o advogado Álvaro Virgílio de Franco Teixeira, de quem toma o apelido.

Em breve, e depois de uns tentames de juventude que a escritora recorda na Revista Portuguesa, estreitar-se-á no Jornal da Tarde, com dois contos vindos a lume em 1918 e 1919.

A década de vinte é o *Mittelpunkt* do destino judithiano. A escritora publicará durante a década três livros de poesia (*Decadência*, 1923; *Castelo de Sombras*, 1923; e *Nua. Poemas de Bizâncio*, 1926), uma conferência (*De mim. Conferência em que se explicam as minhas razões sobre a vida, sobre a estética, sobre a moral*, 1926) e um livro de novelas (*Satânia*, 1927), para além de vir a dirigir a revista *Europa* (1925) e de vir a colaborar com outras publicações tão prestigiadas como *Contemporânea*, *Revista Portuguesa*, *Diário de Lisboa*, *ABC* e *Terras de Portugal*.

Por final da década e no início da seguinte terá, de acordo com Torcato Sepúlveda, servido de correio de resistentes e exilados democráticos a viverem em Madrid. Publicará ainda, em 1938, duas crónicas no *Diário de Lisboa*, vindo a morrer praticamente abandonada, em Lisboa, no dia 17 de Maio de 1959.

Uma estranha desmemória recobrirá há muito a acção literária e cultural de Judith Teixeira. Esquecida, afastada de todos os processos de canonização, talvez uns poucos interessados conservassem de si uma imagem de inconformismo e coragem. Se tal aconteceu, disso nada se soube. E mesmo aqueles que privaram com a revista presença mal lembravam o asserto regiano de valer mais uma canção escolhida de António Botto do que toda a obra de Judith Teixeira. Aparentemente negativa – e lembrem-

se os pares em confronto que facilmente o desmentem -, a opinião de José Régio inscrita no texto "Literatura viva" da inicial presença assegurará a sobrevivência póstuma da escritora. Em 1935, Albino Forjaz de Sampaio incluiria poemas judithianos em *As melhores páginas da poesia feminina*. Outro passo, esse mais do que decisivo, para a convocação de Judith Teixeira para o debate literário deu-o António Manuel Couto Viana, em 1977, ao fazer publicar *Coração Arquivista*, onde insere um fascinante ensaio sobre a poeta, aí vincando o impossível esquecimento e um interessante conjunto de fascínios estranhamente deslembados, voltando o também poeta ao assunto, em 1996, com o artigo na revista *Ler* "Escândalo e ousadia no princípio do século". E, vinte anos passados sobre a primeira obra de Couto Viana, eis que Maria Jorge e Luís Manuel Gaspar, com o aval editorial e prefacial de Vítor Silva Tavares, trazem a público o conjunto de colectâneas poéticas da escritora e a conferência *De Mim*, bem como um interessante "Scriptorium" final com copiosa informação. Dois anos volvidos e até 2001, foram elaborados por mim vários trabalhos académicos na Universidade de Aveiro sobre a autora, daí resultando, em grande parte, a dissertação de Mestrado de título *Judith Teixeira: originalidade poética e descaso literário na década de vinte*, orientada por Eugénio Lisboa. Entre 2000 e 2003, René Garay trouxe a lume importantes estudos sobre a autora de *Decadência, destacando-se dessa actividade o livro Judith Teixeira: o modernismo sáfico português* (2002). Em 2008, inserem-se, no *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, coordenado por Fernando Cabral Martins, entradas sobre Judith Teixeira e a sua obra da responsabilidade de Maria Lúcia Dal Farra, Claudia Pazos Alonso e Sara Afonso Ferreira. Em finais de 2009, é publicado o livrinho *Judith Teixeira e o lugar: uma "irmã de Shakespeare" no modernismo literário português* e o ensaio "Lesbianismo e interditos em Judith Teixeira", ambos de minha autoria. Aparece ainda a escritora mencionada com algum destaque na obra de São José Almeida *Homossexuais no Estado Novo* (2010) e bastante em foco no recente livro de Paulo Drumond Braga (2011) *Filhas de Safo. Uma história da homossexualidade feminina em Portugal* (séculos XIII-XX).

Neste já vasto conjunto de lacerações na obra judithiana, a primazia ficará sempre, do meu ponto de vista, na sageza poética e crítica de António Manuel Couto Viana, que soube destacar a originalidade da poeta em tempos de quase desconhecimento e de rara inscrição. Depois, aconteceu o que se disse e não só. Sem exaustão, são também contributo para a existência de Judith Teixeira nomes como os de Cecília Barreira (1991-1992), Fátima Maldonado (1996), Maria Leonor Nunes (1996), Claudia Pazos Alonso (1997), Eduardo Pitta (1997), Ana Barradas (1998), Gil de Carvalho (1998), Eugénia Vasques (2000), Raúl Romero (2001), Alicia Perdomo (2003), Ana Raquel Fernandes (2004), Gabriela Mota Marques (2004 e 2007), Torcato Sepúlveda (2004), África Riera Ventura (2006), Ana Raquel Fernandes (2006), Zenobia Colares (2007), Maria Teresa Horta (2009) e Mónica Sant'Anna (2010).

Muitos equívocos e imprecisões se foram gerando ao longo desta quase centúria. Lá no início do tempo de Judith Teixeira como atriz da nossa história cultural, vozes aceradas pela infâmia e pela arrogância moralista (Pedro Teotónio Pereira, jornais como *A Época*, *O Século* e o *Diário de Notícias*, *Amarelhe*, *a Revolução Nacional*, Álvaro Maia e Marcello Caetano, por exemplo) não perdoam à mulher

poeta o desassombro expressivo e a novidade de alguém que achava que o passado imitava o presente, sabendo como sabia que os valores centrais da nova era artística seriam a mudança e a novidade. Espantarão talvez mais as espantosas tresleituradas de Régio e Pessoa, explicando-se a deste por uma entranhada misoginia e pela necessidade de cavar um lugar da homossexualidade masculina em si latente (a melhor Judith não está longe do melhor Botto, por isso a defesa deste implicaria a defesa daquela), e a daquele talvez por razão afim, sabendo-se à distância que a literatura judithiana não poderia deixar de ser viva. Ainda assim, tanto um como outro, como atrás se disse, contribuíram em muito para a inscrição de Judith Teixeira no espaço isegórico.

Judith Teixeira é a única mulher no vórtice do modernismo literário português. Desafiando normas e convenções, a poeta instaura o espanto: quem como ela revelando as taras da desventura, os crimes ancestrais e as convulsões de loucura? Indominada, a escritura judithiana simula os ritos aracnídeos, desarmando os leitores com as dores únicas e os espectrais abismos. O mundo criado povoa-se de seres ambíguos e estranhos, de corpos femininos esculturais com seios de “bicos acerados” e “ondulações provocantes”, sedentos de uma triturante, sanguínea e dental devoração. Este abrasamento homoerótico, evidentiíssimo e documentável textualmente em inúmeras criações judithianas, permite a integração, no dizer de René Garay, no modernismo sáfico português. Esta linha lesbianista e contracorrente é uma isotopia possível em toda a obra da poeta e é um importante traço distintivo.

Imersa na fibra discursiva do modernismo literário português, Judith Teixeira, com a conferência *De Mim* (1926), não deixa de participar, de forma quase performativa, na irrupção da arte na vida. Mais uma vez, um texto da escritora permanece quase desconhecido – e este deslambamento é estranhíssimo, tanto mais que o manifesto é fascinante...-, não se percebendo, à distância, como o diligente e sabedor Petrus omitiu a publicação em *Fernando Pessoa e os do seu tempo – Nas encruzilhadas do mundo e do tempo*.

E não deixa de ser espantoso que um livro de novelas como *Satânia* (1927), inserível no modernismo português e nas suas rupturas, permaneça esquecido, não obstante a fabulosa coincidência de entrecho da primeira novela com um conhecido romance de D. H. Lawrence e a fortíssima marca titular.

Eis Judith Teixeira e o seu corpo. O livro judithiano continua em linha de inscrição, à espera de lacerações e vontades que o façam o desejo lispectoriano contido na epígrafe.

### Alguma Bibliografia

ALMEIDA, São José (2010). *Homossexuais no Estado Novo*. Porto: Sextante Editora.

BRAGA, Paulo Drumond (2011). *Filhas de Safo. Uma história da homossexualidade feminina em Portugal* (séculos XIII-XX). Alfragide: Texto Editores.

GARAY, René P. (2002). *Judith Teixeira. O modernismo sáfico português (Estudo e textos)*. Lisboa: Universitária Editora.

JORGE, Maria, e GASPAR, Luís Manuel (1996). "Scriptorium". In TEIXEIRA, Judith. *Poemas*. Lisboa: &etc.

SOUSA, Martim de Gouveia e (2001). *Judith Teixeira: originalidade poética e descaso literário na década de vinte*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

SOUSA, Martim de Gouveia e (2002). "Régio e Judith Teixeira: um encontro, uma voz e uma 'brasa ardente' de que alguém se lembrará". In FERREIRA, António Manuel (coordenação). *Presenças de Régio*. Actas do 8º Congresso de Estudos Portugueses. Aveiro: Universidade de Aveiro.

SOUSA, Martim de Gouveia e (2002). "Decadência, o primeiro livro de Judith Teixeira". In TEIXEIRA, Judith. *Decadência. Poemas*. Viseu: IPV.

SOUSA, Martim de Gouveia e (2005). "Judith Teixeira: lirismo e perturbação nas novelas de Satânia". In *Forma breve 2*. Aveiro: Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

SOUSA, Martim de Gouveia e (2008). "Sofrimento e desejo nas novelas de Satânia". In TEIXEIRA, Judith. *Satânia. Novelas*. Lisboa: varicelas edições.

SOUSA, Martim de Gouveia e (2008). "Viseu & Judith Teixeira: o fel & o corpo". In CRUZ, Júlio (coordenação). *Livro de actas do congresso "Viseu-Congrega"*. Viseu: AVIS.

SOUSA, Martim de Gouveia e (2009). "Lesbianismo e interditos em Judith Teixeira". In FERREIRA, António Manuel (coordenação). *Homografias*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

SOUSA, Martim de Gouveia e (2009). *Judith Teixeira e o lugar: uma "irmã de Shakespeare" no modernismo literário português*. Coimbra: Areias do Tempo.

TAVARES, Vítor Silva (1996). "Prefácio". In TEIXEIRA, Judith. *Poemas*. Lisboa: &etc.

VIANA, António Manuel Couto (1977). *Coração Arquivista*. Lisboa: Verbo.

VIANA, António Manuel Couto (1996). "Escândalo e ousadia no princípio do século". In *Ler* (Livros & Leitores), nº 35.

## Alguma Bibliografia

- ALMEIDA, São José (2010). Homossexuais no Estado Novo. Porto: Sextante Editora.
- BRAGA, Paulo Drumond (2011). Filhas de Safo. Uma história da homossexualidade feminina em Portugal (séculos XIII-XX). Alfragide: Texto Editores.
- GARAY, René P. (2002). Judith Teixeira. O modernismo sáfico português (Estudo e textos). Lisboa: Universitária Editora.
- JORGE, Maria, e GASPAR, Luís Manuel (1996). "Scriptorium". In TEIXEIRA, Judith. Poemas. Lisboa: &etc.
- SOUSA, Martim de Gouveia e (2001). Judith Teixeira: originalidade poética e descaso literário na década de vinte. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- SOUSA, Martim de Gouveia e (2002). "Régio e Judith Teixeira: um encontro, uma voz e uma 'brasa ardente' de que alguém se lembrará". In FERREIRA, António Manuel (coordenação). Presenças de Régio. Actas do 8º Congresso de Estudos Portugueses. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- SOUSA, Martim de Gouveia e (2002). "Decadência, o primeiro livro de Judith Teixeira". In TEIXEIRA, Judith. Decadência. Poemas. Viseu: IPV.
- SOUSA, Martim de Gouveia e (2005). "Judith Teixeira: lirismo e perturbação nas novelas de Satânia". In Forma breve 2. Aveiro: Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.
- SOUSA, Martim de Gouveia e (2008). "Sofrimento e desejo nas novelas de Satânia". In TEIXEIRA, Judith. Satânia. Novelas. Lisboa: varicelas edições.
- SOUSA, Martim de Gouveia e (2008). "Viseu & Judith Teixeira: o fel & o corpo". In CRUZ, Júlio (coordenação). Livro de actas do congresso "Viseu-Congrega". Viseu: AVIS.
- SOUSA, Martim de Gouveia e (2009). "Lesbianismo e interditos em Judith Teixeira". In FERREIRA, António Manuel (coordenação). Homografias. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- SOUSA, Martim de Gouveia e (2009). Judith Teixeira e o lugar: uma "irmã de Shakespeare" no modernismo literário português. Coimbra: Areias do Tempo.
- TAVARES, Vítor Silva (1996). "Prefácio". In TEIXEIRA, Judith. Poemas. Lisboa: &etc.
- VIANA, António Manuel Couto (1977). Coração Arquivista. Lisboa: Verbo.
- VIANA, António Manuel Couto (1996). "Escândalo e ousadia no princípio do século". In Ler (Livros & Leitores), nº 35.